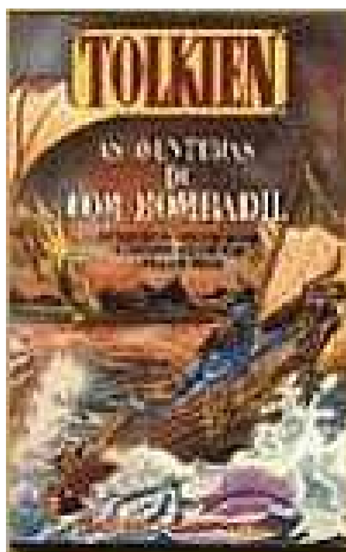




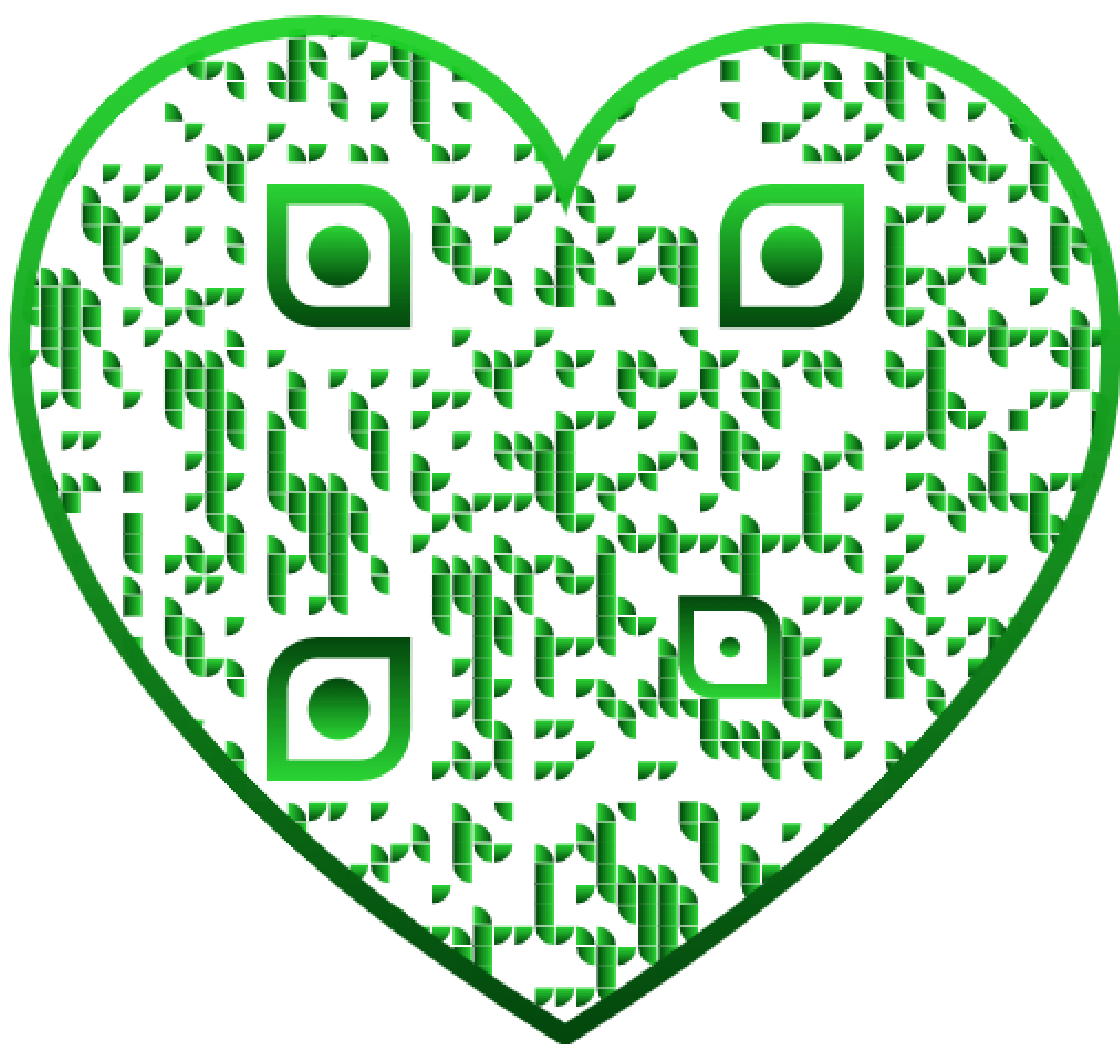
J.R.R. TOLKIEN

AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL

Sobre a digitalização desta obra:
Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.
A generosidade é a marca da distribuição, portanto:
Distribua este livro livremente!

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.
Incentive o autor e a publicação de novas obras!
By Yuna

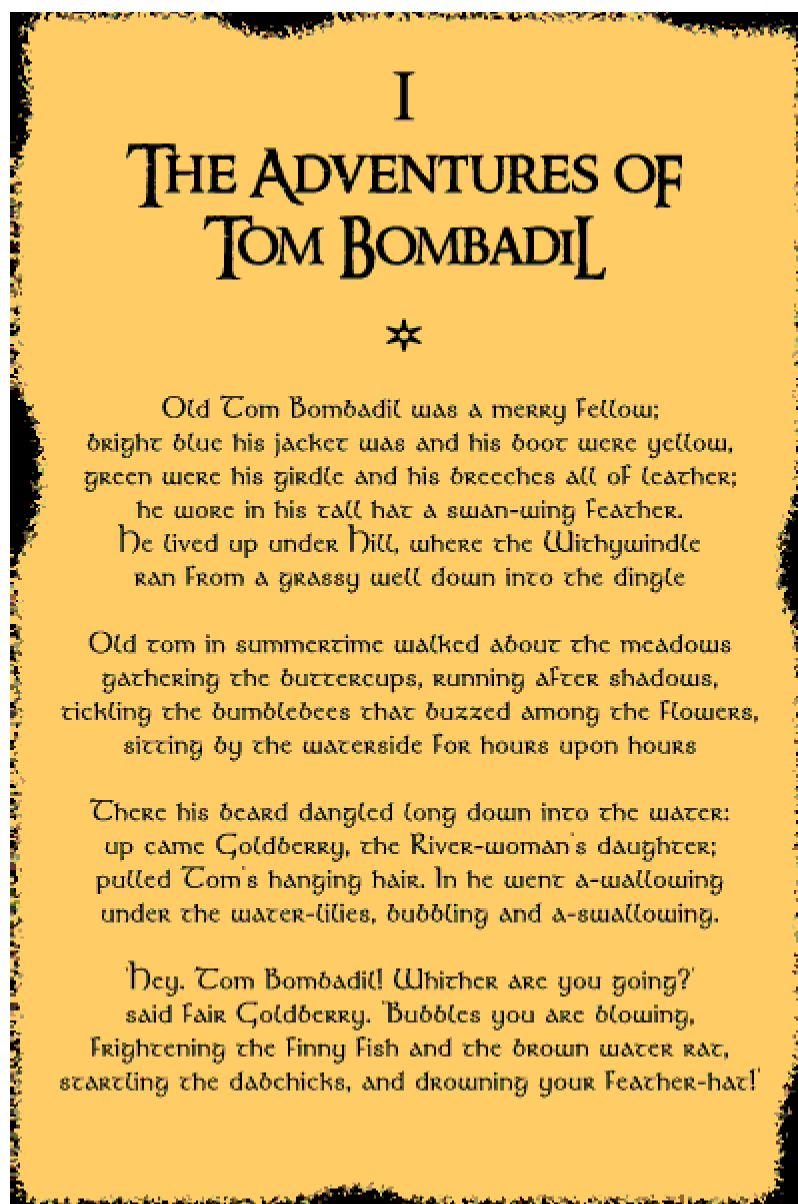
Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!
http://www.portaldetonando.com.br



TÍTULOS ORIGINAIS:

· The Adventures of Tom Bombadil
© George Allen & Unwin, Ltda. 1962
· "Leaf by Niggle" de Tree and Leaf

TRADUÇÕES:
a) Tradução livre de Ersílio Cardoso de The Adventures of Tom Bombadil;
b) Tradução dos restantes trabalhos: Fernanda Pinto Rodrigues.
Publicações Europa-América, Ltda.
2a Edição
(Portugal)



PREFÁCIO

O *Livro Vermelho* contém um grande número de versos. Alguns estão incluídos na narrativa a *Ruína do Senhor dos Anéis* ou nas histórias e crônicas anexas: muitos outros encontram-se em folhas soltas, enquanto outros ainda estão descuidadamente rabiscados em margens de livros ou espaços brancos. Das últimas, a maior parte não tem sentido, mesmo quando se trata de fragmentos legíveis ou semi-recordados. Dessas notas marginais são tirados os números 4, 11 e 13; embora melhor exemplo do seu caráter geral seja o rabisco na página que contém *Quando o inverno começa a morder*, de Bilbo.

O vento tanto fazia girar um galo dum cata-vento,
Que ele não podia segurar o rabo pra cima;
A geada tanto enregelou o galispo-tordo,
Que ele não conseguia apanhar um caracol.
"O meu caso é grave", gritou o tordo.
E: "Tudo é vão", respondeu o galo;
E, assim, ambos soltaram o seu lamento.

A presente seleção é tirada dos trechos mais antigos, ligados, principalmente, a lendas e brincadeiras do Shire, no fim da Terceira Idade, que parecem ter sido feitos por hobbits, especialmente por Bilbo e os seus amigos, ou pelos seus descendentes imediatos. A sua autoria é, contudo, raramente indicada. Os que estão fora das narrativas encontram-se em várias mãos e foram, provavelmente, escritos a partir da tradição oral.

No *Livro Vermelho*, diz-se que o nº 5 foi feito por Bilbo, e o nº 7 por Sam Gamgee.

O nº 8 está assinado SG, e pode aceitar-se a imputação. O nº 12 está também assinado SG, embora, no máximo, Sam possa ter retocado um texto antigo do bestiário cômico, que os hobbits parecem ter apreciado tanto. Em *O Senhor dos Anéis*, Sam afirma que o nº 10 era tradicional no Shire.

O nº 3 é um exemplo de outro gênero, que parece ter divertido os hobbits: um poema ou história que volta ao seu próprio princípio e que pode, assim, ser recitado até que a audiência se revolte. Vários espécimes encontram-se no *Livro Vermelho*, mas os outros são simples e pouco elaborados. O nº 3 é o mais longo e o mais elaborado. Foi, evidentemente, feito por Bilbo. O seu relacionamento com um longo poema recitado por Bilbo, como composição sua, em casa de Elrond, assim o indica. Originalmente uma *nonsense rhyme1*; encontra-se, na versão de Rivendell, transformada e adaptada, um tanto incongruentemente, às lendas élficas númenorianas de Eärendil. Provavelmente porque Bilbo inventou os seus esquemas métricos e tinha orgulho neles. Não aparecem noutros trechos do *Livro Vermelho*. A forma mais antiga, aqui apresentada, deve pertencer aos primeiros dias depois do regresso de Bilbo da sua viagem. Embora se note a influência de tradições élficas, estas não são tratadas a sério, e os nomes empregados (*Derrilyn, Thellamie, Belmarie, Aerie*) são puras invenções no estilo élfico e não são, de modo nenhum, élficos.

A influência dos acontecimentos do fim da Terceira Idade e o alargar dos horizontes do Shire por contato com Rivendell e com Gondor encontra-se noutros trechos. O nº 6, embora aqui colocado a seguir ao poema *O Homem da Lua*, de Bilbo, e a última poesia, a nº 16, devem derivar, em última análise, de Gondor. Baseiam-se, evidentemente, nas tradições de homens, que viviam em regiões costeiras e estavam familiarizados com rios que desaguavam no mar. A nº 6 fala, efetivamente, de *Belfalas* (a ventosa baía de

Bel) e da Torre voltada para o mar, *Tirish Aear*, de Dol Amroth. A nº 8 cita os Sete Rios que corriam para o mar no Reino Meridional e emprega o nome gondoriano, de origem élfica, *Fíriel2*, mulher mortal. No Langstrand e em Dol Amroth há muitas lendas acerca das antigas habitações élficas e do porto da foz do Morthond, do qual navios com rumo ao ocidente tinham navegado até a queda d'água de Eregion, na Segunda Idade. Estes dois trechos, portanto, são apenas novas redações de temas do Sul, embora possam ter chegado às mãos de Bilbo, através de Rivendell, élfica ou númenoriana, que se refere aos dias heróicos do fim da Primeira Idade; nela parecem ressoar alguns ecos do conto númenoriano de *Túrin* e *Mim, o Anão*.

Os nº 1 e nº 2 vêm, evidentemente, da Bucklândia. Mostram melhor conhecimento desse país e do Dingle, o vale frondoso do Withywindle3, do que qualquer dos hobbits a oeste do Marish provavelmente possuía. Mostram também que os Bucklanders conheciam Bombadil4, embora, sem dúvida, compreendessem tão pouco os seus poderes como o povo do Shire compreendia os de Gandalf: ambos eram considerados pessoas benevolentes, misteriosas, talvez, e imprevisíveis, mas cômicas, em todo o caso. A nº 1 é a composição mais antiga e é construída sobre várias lendas respeitantes a Bombadil. A nº2 emprega tradições semelhantes, embora a ironia de Tom lhe dê para troçar dos seus amigos, que a recebem divertidos (com um leve toque de receio); mas foi possivelmente composta muito mais tarde e depois da visita de Frodo e dos seus companheiros à casa de Bombadil.

1 Disparate rimado ou rima sem nexo. (N. do T.)

2 O nome era usado por uma princesa de Gondor pela qual Aragon reclamava ser descendente da linha meridional. Era também o nome de uma filha de Elanor, filha de Sam, mas o nome, se se relaciona com a poesia, deve derivar dela:

não poderia ter surgido em Westmarch.

3 **Grindwall** *era um pequeno embarcadouro na margem norte do Withywindle; ficava fora do Hay e era, assim, bem vigiado e protegido por uma* **grind** *ou vedação que avançou pela água.* **Breredon** *(Colina da Roseira Brava) era uma pequena aldeia numa elevação por trás do embarcadouro, na estreita língua de terra entre o termo High Hay e o Brandywine.*

No **Mithe***, o escoamento do Shirebourn, havia um desembarcadouro, donde partia um caminho para Deephallow e para a estrada de Causeway que passava por Rushey e Stock.*

4 Na verdade, devem ter-lhe dado este nome (é bucklandês na forma) para juntar a muitos outros mais antigos.

As poesias, de origem hobbit, aqui apresentadas têm, em geral, dois aspectos comuns.

Têm uma preferência por palavras estranhas e por truques de métrica e de rima – na sua simplicidade (a das palavras, métricas e rimas) os hobbits consideravam, evidentemente, tais coisas como virtudes ou encantos, embora fossem, sem dúvida, meras imitações de práticas élficas. São também, pelo menos superficialmente, ingênuas e frívolas, embora se possa, por vezes, suspeitar que o seu conteúdo é mais alguma coisa que aquilo que nos chega ao ouvido.

A nº 15, por certo de origem hobbit, é uma exceção. E a última composição pertence à Quarta Idade; mas aqui está incluída porque mão desconhecida lhe rabiscou por cima *Frodos Dreme*. E isto é digno de nota e, embora seja improvável que tenha sido escrita pelo próprio Frodo, o título mostra que se ligava aos negros e desesperados sonhos que o acometeram em março e outubro durante os seus três últimos anos. Mas havia certamente outras tradições relativas aos hobbits que foram tomadas por "loucura delirante" e, se é que voltaram, , foram consideradas estranhas e incomunicáveis. A idéia do mar estava onipresente nos recessos da imaginação hobbit, mas o receio dela e a desconfiança em relação a toda cultura élfica deram o estado de espírito prevalecente no Shire, no fim da Terceira Idade, e que não foi inteiramente dissipado pelos acontecimentos e mudanças com que a Idade terminou.

AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL

1. AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL

O velho Tom Bombadil era mesmo um tipo alegre:
sua jaqueta era azul e as botas amarelas;
verde a faixa, de boa pele os calções;
no chapéu pontiagudo, punha de cisne uma pena.
Vivia lá pra colina donde corre, por sinal,
o rio Withywindle da sua fonte pro vale.
No estio, o velho Tom passeava pelos prados,
a colher flores silvestres, a correr atrás das sombras,
a apanhar os abelhões nas doces flores pousados
ou sentado à beira d'água, pelas covas e pelas lombas.
A sua barba comprida parece a água beber;
vem de lá a Baga d'Ouro, filha do Rio-mulher;
puxa Tom pelos cabelos: vai-se no lodo rojar,
por sob os lírios brancos, o pobre a gorgolejar.
"Ei, Tom Bombadil! Pra onde vais?", pergunto eu.
Disse a fada Baga d'Ouro: "Com as bolhinhas que fazes
assustas os meus peixinhos e o mergulhão, lá no céu;
e molhas – olha que pena! – a pena do teu chapéu."
Para seres linda menina, traz-ma cá,
diz Bombadil. Não m'interessa vadiar.
Mergulha! Vai lá pras sombras onde o sol não chegará,
sob a raiz dos salgueiros, linda dona, dormitar!
Pra casa da sua mãe, lá bem do fundo do rio,
nadou bela Baga d'Ouro; mas Tom não a seguiu:
sobre a bela sombra dos salgueiros assentou-se no chão mol',
secando a pena molhada e as suas botas ao sol.
Acordou Homem-salgueiro, começou o seu cantar,
e pôs o Tom a dormir com seu canto de embalar;
numa fenda o apertou: taque! E logo a fechou;
preso ficou Bombadil e a pena de enfeitar.

“Ah, Tom Bombadil, em que estás tu a pensar,
a espreitar pra minha árvore pra a beber me observar;
e com essa tua pena coceguinhas me fazer;
a pingar pra minha cara como se fora a chover?”
“Deixa-me lá ir embora, ó velho Homem-salgueiro!
Sinto-me mal instalado, nem sequer há travesseiro
nestas raízes torcidas. Vai beber do rio frio!
E vai dormir o teu sono como faz Filha-do-rio!”
Homem-salgueiro o soltou, quando ouviu assim falar;
e a casa de pau fechou, a ranger, a resmungar,
dentro da árvore a murmurar. Do salgueiro Tom saiu
e ao longo do rio subiu. Na orla da floresta
se sentou e pôs à escuta das avezinhas em festa.
As borboletas voavam, brincando no azul do céu,
até que as nuvens vieram e o Sol desapareceu.
Então, o Tom correu, que já a chuva caía,
pondo aneizinhos na água, enquanto o rio corria;
pingaram gotas das folhas com o vento que soprou;
pra um abrigo improvisado o velho Tom saltou.
Sai de lá amigo texugo, que a visita não esperava,
com seus olhinhos piscos; por baixo a terra minava
com a mulher e os seis putos. Pelo casaco o agarraram
e lá pro fundo dos túneis a bem ou mal o levaram.
Na sua casa secreta, resmungando se sentaram:
Com que então, seu Bombadil, assim se entra aos trambolhões,
forçando a porta da frente da casa dos texugões?
O pior é pra sair, pois nunca o conseguirás do sítio onde te levaram.
“Pois, meu velho texugão, mostra-me a porta do ninho,
que já tenho pouco tempo para me pôr a caminho.
Mostra-me a porta traseira pelas roseiras enfeitada;
depois, limpa-me essas patas e o nariz à petizada.
E volta para a palha do teu travesseiro,
como a bela Baga d’Ouro e o velho Homem-salgueiro!”
“Então”, diz a família texugo, “só tens que nos perdoar!”
E pelo seu jardim de espinhos o tornou a acompanhar.
Logo voltou a esconder-se, toda ela a tremelicar,
tapando todas as portas com terra que foi juntar.
A chuva tinha passado. O céu de novo luzia
e, a caminho da casa, o velho Tom já ria.
Tirando a chave do bolso, abre a porta para entrar,
e à volta da lamparina vê as traças a bailar.
Pela janela vê estrelas no céu a pestanejar
e a esguia lua nova para oeste a navegar.
Agora a noite caiu, Tom a candeia acendeu;
subiu as escadas rangentes e uma volta à chave deu.
“Olá, Tom Bombadil, vê que a noite aproveitei;
estou aqui atrás da porta, até que enfim te apanhei.
Sou o espírito do monte que anda, enfim, aqui à solta,
e vivo lá na colina cum anel de pedras à volta.

Pra debaixo da terra te vai levar
E frio e pálido te há-de tornar!”
“Sai daqui! Fecha essa porta, nunca mais te quero ver!
Os teus olhos deitam lume, o teu riso faz tremer!
Vai lá pro teu monte verde, cuma pedra por travesseiro,
e encosta a tua cabeça como o velho Homem-salgueiro;
como a jovem Baga d’Ouro e os texugos na lura!
Volta pro ouro enterrado e pra dor que não perdura!”
Lá fugiu o Homem-sombra pela janela saltando,
pelo pátio, por sobre o muro, como uma nuvem voando;
sobe a colina gemendo para o seu anel de pedras
e chocalhando os seus ossos por baixo do monte de ervas.
Velho Tom Bombadil encostou-se ao travesseiro,
mais doce eu Baga d’Ouro, mais calmo do que o Salgueiro;
mais fofo do que os texugos lá na sua terra mole,
dormiu como um pedregulho, ressonando como um fole.
Acordou à luz do dia como um melro assobiar
e cantou pra doce brisa: “Quem é que me quer amar?”
Sacudiu as botas altas, casaco, pena e chapéu;
depois abriu a janela, olhou o azul do céu.
Velho Tom Bombadil era um tipo bem taful;
tinha botas amarelas, o seu casaco azul.
Pelo vale ou pelas terras altas jamais alguém Tom viu.
Nem p’los trilhos da floresta ou pela margem do rio.
Nem num barco sobre a água que beija as margens da ilha.
Porém, um dia saiu e apanhou do rio a filha;
toda de verde vestida, entre os juncos se sentava,
enquanto pros passarinho velhas baladas cantava.
Apertou-a nos seus braços! Os ratos-d’água fugiam;
piavam garças reais e dois corações batiam.
Disse Tom Bombadil: “Aqui está a minha beleza,
que vai comigo pra casa, pois até está posta a mesa:
pão alvo, favo de mel, manteiga, nata amarela,
rosas que nascem cá fora e espreitam pela janela.
Vem comigo pra colina, deixa a tua mãe falar;
lá no charco onde ela vive não há ninguém pra te amar!”
Velho Tom Bombadil teve alegre casamento
coroado por campainhas, uma pena por ornamento;
A noiva com não-me-esqueças, brancos lírios por grinalda,
nos lábios uma cantiga, vestido verde-esmeralda.
Canta ele como um gaio, louvando a sua menina,
enquanto prende com o braço a sua cintura fina.
Brilham as luzes na casa, o leito resplandece;
até a família texugo na linda boda aparece.
Dança-se pela colina e o velho Homem-salgueiro
tamborila na janela dos que dormem no travesseiro;
na margem, por entre os juncos, Mulher-rio a suspirar
ouviu o Homem-espírito lá no seu monte a chorar.
Velho Tom Bombadil às vozes não deu ouvidos:

pés dançantes, estalidos e da noite outros ruídos;
dormiu até o Sol raiar, logo se pôs a cantar:
“Minha querida, meu amor, minha rosa de toucar!”
Sentado junto da porta, com o salgueiro brincava,
enquanto Baga d’Ouro seus cabelos penteava.

2. BOMBADIL VAI DE BOTE

O ano velho já as folhas mirrava; do Ocidente o vento soprava;
uma folhinha de faia Tom apanhou que na floresta encontrou.
“Eis uma boa nova que eu não esperava!
Por que amanhã o que hoje me agradava?
Hoje mesmo aparelho o meu barco e parto à aventura,
pelo rio abaixo vou, enquanto a sorte dura!”
O passarinho no ramo pousou e diz para Tom: “Já aqui estou.
Tenho um dedinho que me adivinha onde te leva o teu barquinho.
Queres lhe diga, que me vá daqui dizer-lhe onde deve esperar por ti?”
“Nada de nomes, meu tagarela, ou sou eu quem te come e esfola;
sempre a dizeres a quem calha o que te passa pela bola!
Se dizes ao Homem-salgueiro pra onde fui, queimo-te vivo,
bem assado num espeto, pra não falares sem motivo!”
Carriça-salgueiro bateu o rabo e pipilando partiu voando:
“Primeiro tens de me apanhar! E quanto a nomes, não vou precisar!
Vou pousar-lhe nesta orelha e o recado ele vai escutar.
E sei bem o que vou lhe dizer: ‘Lá onde sabes, ao escurecer.’
E já não tens tempo a perder! É boa altura para beber.”
O Tom riu daquela graça: “Ou vou pra lá ou não sei o que faça.
Podia ir pra outro lugar, mas é para lá que vou remar.”
Raspou os remos, remendou o barco, depois tirou-o do seu buraco.
Por entre os juncos, pelo caniçal, por sob os ramos do salgueiral,
lá desce o rio sempre a cantar: “Pelo baixio, pelo pego fundo,
por este rio vou correr mundo!”
“Ei, Bombadil, onde queres chegar,
nesse barquito a navegar?”
“Talvez a Brandywine, que fica do rio à beira;
e em casa dos meus amigos está sempre acesa a lareira.
Fica perto de Hays-end, boa gente lá conheço;
por isso, de vez em quando, desço o rio e apareço.”
“Fala de mim aos meus primos, sem notícias não me deixes!
Diz-me onde se toma banho, onde se escondem os peixes!”
“Só faltava...”, tornou Tom. “Eu vou apenas remar,
cheirar a água do rio e não recados levar.”
“Olha, olha o peneirento; vê lá se a selha se afunda!
Eu ria se chafurdasse do rio na lama imunda.”
“Fala menos, passarinho. Poupa-me as tuas gracinhas!
Melhor que batas a asa, a comer de peixe espinhas!

Um grão senhor no teu ramo, em casa és sujo fedelho
que vives em casa porca, mesmo com o peito vermelho.
Ouvi de aves como tu que abanam o bico ao sol
pra mostrar como está o vento: é o fim da pesca ao anzol!”
Carriça fechou o bico, depois o olho piscou,
enquanto, por sob o ramo, Tom, cantando, passou.
Deixou cair uma pena, que era azul, da cor do céu;
logo Tom rojou a velha e a pôs no seu chapéu.
Ali brilhava essa pena, formosa como uma jóia.
Azul é a cor de Tom! Às outras não liga bóia...
Anéis à volta do barco, bolhinhas num corrupio:
Tom bateu o seu remo – pás! – contra a sombra do rio.
“Ena, Tom Bombadil! Com que então, a andar de barco?
E se eu lhe desse uma volta e te pregasse no charco?”
“Queres saber, meu bicho-lontra? A cavalo em ti descia o rio!
Com os meus dedos nas costas apanhavas um calafrio.”
“Vê lá, Tom Bombadil, que eu vou dizer à família,
ao pai, à mãe, ao irmão e à irmã, só por quezília,
que com umas pernas de pau vais aí a passear,
a cavalo numa selha... que é coisa de espantar!”
“Vou-te mandar pros anjinhos e curtir a tua pele
pra fazer-te em anéis de ouro ou, pelo menos, cor de mel!
Se a tua mãe te visse fugiria, era bem certo;
deixa em paz o Bombadil, não te armes em esperto!”
“Livra!”, disse o bicho-lontra, chapinhando água do rio,
molhando o chapéu do Tom, levando o barco a um desvio.
Passou por baixo do barco, da margem pôs-se a espreitar,
enquanto o canto de Tom morria, doce, no ar.
O velho cisne da ilha por ele passou altivo,
lançando-lhe um olhar torvo, saltando um rouco grasnido.
Tom riu: “Olá, meu velho, faz-te falta a tua pena?
Pois eu bem preciso doutra, para pôr na minha melena.
Se uma palavra gentil dissesses, queria-te mais:
pescoção, garganta muda, altivo entre os animais!
Se algum dia o rei voltar, pode-te recensear,
marcando o bico amarelo para a proa te abaixar!”
o cisne bateu as asas, silvou, avançou veloz;
na sua esteira seguindo, o Tom remou após.
Lá seguiu o curso do rio, espumando e borbulhando;
o pior foi no açude, onde ia lá ficando:
bate aqui, bate acolá, rodando como um farol
conseguiu, por fim, chegar ao porto de Grinduol.
“Ena, aqui vem o lenhador Tom, ele e maila sua barba!
Não queremos cá gente dessa, pômo -lo fora, não tarda.
Cuidado, Tom, cautela, que temos arcos e frechas;
não queremos homens dos bosques; se queres viver, não te mexas.
Passar o Brandywine pra ficar aqui, nem tentes!”
“Fora, seus barrigas d’unto, não fiquem assim contentes.”
“Tenho visto outros de susto esconderem-se a tremer.

Só porque cabra cornuda lá ao longe estão a ver;
que tremem das próprias sombras ou dos raios de luar.
Basta que eu chame os *esp'ritos* pra vos pôr a debandar!"
"Podes chamar quem quiseres, mas isso no teu toutiço.
Três frechas no teu chapéu! – Também não tens medo disso?
E agora aonde queres ir? Se é em cerveja que pensaste,
os barris de Breredon não têm líquido que baste."
Vou-me pra Brandywine por Shirebourn, se puder,
mas mui veloz pro meu barco vai este rio a correr.
Se me pudessem levar na sua chata os petizes,
desejava-lhes boas-noites e muita manhãs felizes."
Rubro corria a Brandywine; em chamas se acendia,
para cinzento passava, quando o astro se escondia.
No cais, escadas vazias. Ninguém pra uma saudação.
Salientes estão os passeios. Diz Tom: "Que reunião!"
tom caminhou pela estrada, enquanto o Sol se apagava.
Luzes brilhavam-lhe à frente. Ouviu uma voz que o chamava.
"Aí, ou!" Pararam os cavalinhos, tinham rodas resvalado,
Tom seguiu o seu caminho, sem sequer olhar para o lado.
"Eh, pedincha duma figa; que trabalho é que arquitetas?
O que fazes tu por aqui, chapéu crivado de setas?
Alguém te cortou as voltas, te apanhou nas roubalheiras?
Pára aí, conta-me cá, seja o que for que tu queiras!
Cerveja, ia jurar, embora um vintém não tenhas.
Vou mandar fechar as portas, antes que tu por aí venhas!"
"Pois sim, seu pata de boi! De alguém que vem atrasado
por ter andado por aí, não acho bem educado!
Velho e gordo lavrador que andar não pode por asmático
e vem num carro a cavalos, devias ser mais simpático."
"Meu forreta duma figa, pobre não pode escolher,
senão mandava-te embora, ficavas tu a perder.
Vem, Maggot, vem-me salvar! Vem pagar uma cerveja!
Mesmo aqui, ao lusco-fusco, não é amigo quem me não veja!"
Rindo se foram dali, na taberna sem parar,
embora estivesse aberta e a cervejinha a cheirar.
Voltaram pra rua de Maggot a tropeçar e a cantar,
Tom na sua carroça, a dançar e a saltar.
Brilhavam no céu estrelas, os quartos de Maggot iluminados,
e ardia o lume na lareira, para acolher os atrasados.
Os filhos de Maggot cumprimentaram, as filhas fizeram as sua vênias,
e a mulher trouxe jarros de cerveja, que as pessoas não eram abstêmias.
Assim, passaram a noite, a dançar e a comer, a palrar e a folgar.
E o nosso velho Maggot, com toda a sua barriga, não parou de cabriolar;
Tom tocava uma gaita, no tempo em que não bebia;
os filhos faziam roda, a boa esposa só ria.
Quando outros foram dormir, sobre o feno ou doutra maneira,
com as cabeças todas juntas, junto ao canto da lareira,
o velho Tom e pata-de-boi contaram-se as novidades:
dos montes e das charnecas, de passeios e cavalgadas;

de espigas de trigo e grão de cevada, de sementeiras e terreno ceifada;
de conversas no ferreiro, no moinho e no mercado;
de murmúrios nas ramagens, de vento sul no prado.
Velho Maggot por fim dormiu, numa cadeira junto do lume.
Antes da aurora Tom partiu: como num sonho que só se presume
alguns alegres, tristes os outros e ainda alguns de sentido oculto.
Ninguém ouviu abrir a porta; caiu de manhã chuva de vulto
que apagou suas pegadas; e foi assim que não deixou traços,
que ninguém ouviu suas cantigas nem os seus pesados passos.
Três dias o barco ficou no rio,
e depois ao quarto já ninguém o viu.
Foram as lontras, ao que disseram, que vieram de noite e o soltaram
que o levaram para a barragem e rio acima o empurraram.
Da sua ilha, o velho cisne veio vogando,
com o seu bico pegou na amarra e foi puxando,
com muito orgulho; lontras, ao lado, a acompanhá-lo,
por entre as raízes do Homem-salgueiro para guiá-lo;
na popa, pescador do rei empoleirado e a carriça a cantar do outro lado.
E assim alegremente, o barco pro seu cais era levado.
Assim chegou à enseada e bicho-lontra disse: “Ai, manas!
Que é um pateta sem pernas ou um peixe sem barbatanas?”
Oh, rio das mil loucuras! Deixaram pra trás os remos!
Tem o Tom de ir buscá-los, mas até lá não os temos.

3. VIDA ERRANTE

Era alegre mensageiro,
passageiro, marinheiro:
fez uma barca dourada
para nela navegar;
e nela tinha guardada
uma carga de laranjas
e papa d’aveia para manjar.
Perfumou-a com alfazema,
cardamomo e badiana.
Chamou os ventos dos navios
bem carregados para levá-lo
sobre dezessete rios
que se interpunham para atardá-lo.
Desembarcou na solidão
onde, por sobre os duros seixos,
as águas verdes do rio vão,
vão para sempre, alegremente.
Depois viajou pelo verde prado
pra terra das sombras, arrepiados;
pelo monte abaixo, pelo monte acima,

na senda rude da triste sina.
Sentou-se e cantou uma melodia,
embora a viagem atrasasse;
pediu a uma linda borboleta
que com ele se casasse.
Ela troçou e escarneceu
sem que dele se apiedasse.
Ele pôs-se a estudar feitiçaria
e tecelagem e serralheria.
Teceu um tecido leve como o ar
para com ele a apanhar;
e logo a seguir construiu asinha,
uma asa com um pêlo de andorinha.
Desnorteou-a com fina manha,
com um filamento de teia de aranha;
fez para ela doce morada
toda de lírios; e fez o leito nupcial
com a seda do cardo que nasce no vale.
Com teias de seda que ali encontrou
e raios de luz a ataviou.
De lindas gemas fez colares
mas ela destroçou-os sob seus olhares
e em tom azedo questionou,
enquanto ele, triste, se afastou.
Ali ficou ela a desfalecer,
enquanto ele fugia todo a tremer;
com o vento que soprava,
na asa de andorinha se afastava.
Passou por cima dos arquipélagos
onde cresce o malmequer louro;
onde há mil fontes de prata
e as montanhas são de ouro.
Pintando a manta para além do mar,
meteu-se na guerra e na pirataria
e a vaguear por Belmarie
e Phelamie e Fantasia.
Fez escudo e capacete
de coral e de marfim
e uma espada de esmeralda
pra lutar até o fim
com cavaleiros e querubins
e com paladinos loiros
que vindos de lá do rio
para ele cavalgavam em desafio.
De cristal a sua cota
de ágata a sua bainha;
de ébano com ponta de prata
era a espada que tinha.
Seus dardos de malaquite

e ele, lesto, brandia-os:
estava com os dragões-moscas
do Paraíso e vencia-os.
Combateu contra o besouro,
contra zangões e abelhas
e ganhou o favo de mel;
correndo por sobre o mar
com uma flor por dossel,
num barco de folha dura,
feliz cantou ao luar
e poliu sua armadura.
Por um pouco se atardou
numas ilhas solitárias,
nada por lá encontrou que não fossem ervas várias;
resolveu, pois, regressar
e ao fazê-lo, com o seu faro,
veio-lhe enfim à memória
sua mensagem e recado!
Em valentia e fascínio
já os havia olvidado,
cansado de correr mundo,
este excelso vagabundo.
Ia , pois, partir ligeiro
(aparelhando primeiro)
este eterno mensageiro,
passageiro, cavaleiro
errante como uma pena,
vagabundo marinheiro.

4. A PRINCESA MI

Princesinha Mi, a bela,
lá formosa era ela...
como se diz em contos de fadas,
tinha pérolas nos cabelos,
na sua fronte dourada.
De gaze com fios d'ouro
era o lenço que ela usava,
e um trancelim de prata
a garganta lhe apertava;
de teia de traça leve
e tingida de luar
era o casaco que usava.
De orvalho de diamantes
o cinto que a apertava.
Se passeava de dia,

manto cinzento vestia
e capuz azul escuro;
mas se de noite saía
toda brilhante luzia
sob um céu cheio de estrelas.
Com sandálias de cristal
com as quais se dirigia
pra sua pista de dança,
um charco de linfa fria
que nenhum vento bulia.
Mas onde os seus pés tocavam
era uma chuva de estrelas
que da pista se elevavam
e apetecia bebê-las.
Levantou os olhos
para o céu sem fundo
e logo os baixou para as sombras do mundo,
os olhos baixou e viu a seu lado
uma princesa Xi
tão bela quanto Mi:
dançavam lado a lado!
Era tão leve como Mi
e, como ela, a mais bela do mundo...
Mas estava (nem parece deste mundo...)
pendurada de cabeça
sobre um poço sem fundo!
Coisa bela entre as mais belas:
estar de cabeça para baixo.
Sobre um mar cheio de estrelas!
Só os pés
poderiam tocar-se;
pois como encontrar a terra
– fosse vale ou fosse serra –
para não estarem em pé,
mas penduradas do céu,
com o chão por solidéu?
Como? Ninguém o sabia,
nem poderia aprendê-lo,
dos elfos na sabedoria.
Por isso, sempre sozinha,
dançando como antes,
luzindo como brilhantes
com sandálias de cristal,
e pérolas nos cabelos
seguia Mi.
Com pérolas nos cabelos,
com sandálias de cristal,
luzindo como brilhantes,
seguia Xi.

5. O HOMEM DA LUA DEITOU-SE MUITO TARDE

Há uma estalagem, velha e boa estalagem
no sopé da colina;
e fazem lá uma cerveja tão fina,
que até o Homem da Lua veio cá abaixo
uma noite... e foi o diacho!
O moço de estrebaria tem um gato tonto
que toca rabeca para seu recreio;
e passa-lhe o arco pra cima e pra baixo
ora chiando alto, ora miando baixo,
ora arranhando no meio.
O hospedeiro tem um canito
que muito aprecia a boa chalaça;
quando os hóspedes contam umas piadas,
ele arrebita a orelha a cada graça
e ri às gargalhadas.
Tem também uma vaca chifruda
altiva como rainha;
mas a música dá-lhe volta à pinha
e fá-la sacudir a cauda peluda
e dançar na relva verdinha.
E, oh!, uma fila de pratos de prata
e um ror de colheres iguais!
Pro domingo há um par especial,
areado sábado à tarde,
por tal sinal.
O Homem da Lua bebia-lhe a valer
e o gato começou a gemer;
na mesa dança um prato com uma colher.
A vaca esperneava à doida no prado
e o canito corria atrás do próprio rabo.
O Homem da Lua bebeu outra caneca
e caiu ao chão pra uma soneca,
enquanto dormia sonhou com cerveja.
No céu as estrelas empalidecem
e a madrugada já há quem n’a veja.
E diz o moço pro gato tonto:
“Os cavalos da Lua já eu os conto.
Relincham e mordem os freios de prata.
Mas o dono afogou o juízo que tem
e o sol nascente já aí vem!”
Então o gato no seu violino tocou o seu chi-ri-bi-ri-bi,
uma cegarrega de acordar os mortos:
guinchou, arranhou, sanfonou para ali
e o patrão sacudiu o Homem da Lua:
“Vão sendo horas de te pôres na rua!”
Rebolam o Homem pelo monte acima,

atiram-no à Lua lá da colina!
Vão os cavalos sempre a correr.
Esperneia a vaca como um veado,
acorre um prato com uma colher.
Apressa o ritmo o violino,
começa a rosnar um cão.
Vaca e cavalo fazem o pino.
Saltam os hóspedes todos da cama,
e vêm dançar pro chão.
Com um *vim* e com um *vum* estoiram as cordas da rabeca;
saltou a vaca por cima da Lua
e o canito, a rir-se, diz: “Coa breca!”
Vem de sábado o prato numa corrida
e a colher de prata: “Sou toda tua!”
A Lua redonda escondeu-se no monte
ao surgir o Sol no horizonte.
Mal acreditava no que os olhos viam:
pois embora dia, e dia da semana,
todos aqueles voltaram pra cama!

6. O HOMEM DA LUA DESCEU MUITO CEDO

O Homem da Lua tinha sapatos de prata,
a sua barba era de prata em fio;
o seu cinto era de pérolas
e de esmeraldas um rio.
Com seu manto cinzento, certo dia,
atravessou salão sem fim.
E com chave de prata, muito em segredo,
abriu uma porta de marfim.
Por escada de filigrana, toda fio reluzente,
desceu ele levemente;
e quando ao fim se viu livre
de sua louca aventura, até pulou de contente.
Por rútilos diamantes, que têm o0 seu sainete,
já tinha perdido o gosto. E até estava cansado
do seu alto minarete, todo de vidro polido
e em paisagem lunar em alto monte pousado.
Por rubi ou por berilo, qualquer risco correria
pra enfeitar a sua fralda,
ou por novos diademas e por valiosas gemas,
fosse safira ou esmeralda.
Estava também solitário, sem ter nada que fazer
a não ser olhar pro ouro
e escutar o seu zunido que de longe chegava,
à medida que o ouro rolava.

No plenilúnio da sua lua de prata
em seu coração suspirava pelo Lume:
não pelas luzes límpidas, desmaiadas,
porque vermelho era o seu ciúme.
Por carmim e rosa e clarões de brasas,
de línguas dum fogo impetuoso,
por céus escarlates ao romper do Sol
quando nasce um dia tempestuoso.
Queria ter mares de azul e as cores vivas
de prados e verde floresta,
e ansiava pelo sangue dos homens
para alegria das gentes em festa.
Adorava o cantar e o riso forte,
o vinho e as viandas quentes,
comendo bolos perlados de flocos de neve
e bebendo luar para assombro das gentes.
Agitava os pés quando em comer pensava
ou em pimenta e em ponche quente;
e subia descuidado a sua escada íngreme
e como estrela cadente,
como meteoro em véspera de Natal,
tremendo tombou como folha de papel
da sua escada incerta para um banho de espuma
na ventosa baía de Bel.
Começou a pensar, não fosse derreter-se e afundar-se,
o que faria na Lua,
quando um barco dum pescador o encontrou ao longe a flutuar
com surpresa da tripulação e a sua.
Apanhado na rede, trêmulo e encharcado
num esplendor fosforescente
de brancos-azulados e luares opalinos
e verde delicado e fundente.
Contra seu gosto e com o peixe do dia,
para terra o remeteram:
“É melhor uma hospedaria
que a cidade fica perto”, disseram.
Só o dobre dum sino triste e lento,
lá na terra que olhava o mar,
anunciava o seu cruzeiro saudoso da Lua
nessa hora de estranhar.
Nem lareira se acendeu nem se fez pequeno almoço
e a madrugada era molhada e feia.
Por lume, havia só cinzas, por relvado, havia pântano
e por sol, pobre candeia
numa rua das traseiras. Vivalma não encontrou,
nem voz que canto entoasse;
em vez disso só ressonar, pois todo o mundo dormia
esperando que a noite durasse.
Foi andando e foi batendo, mas portas céleres fechavam

e foi em vão que ele correu;
‘té que chegou a uma porta que tinha uma luz lá dentro
e ele no vidro bateu.
Cozinheiro sonolento lançou-lhe olhar quezilento,
dizendo: “Que quer você?”
“Quero lume e quero ouro e belas canções antigas
e vinho a rodos, com raparigas!”
“Aqui não arranjas isso”, disse ele, com olhar turvo,
“mas posso deixar-te entrar.
Estou precisando de prata e de seda pra me tapar:
talvez te deixe ficar.”
Moeda de prata pro ferrolho levantar,
uma pérola para a porta passar;
e mais vinte vezes isso
para junto à lareira ficar!
Para a fome e para a sede, nada lhe passou pela boca
sem que antes tivesse entregue uma c’roa e parte da roupa;
tudo que, enfim, conseguiu, numa panela de barro,
partida e suja de fumo,
foi papa de milho fria e de chá velho um jarro;
e uma colher de pau pra comer a sobredita.
Para o pudim de Natal, com ameixas, bem docinho,
chegava cedo demais esta visita.

7. O GIGANTE DE PEDRA

Estava o gigante sentado, lá no seu banco de pedra,
a resmungar e a mascar um osso velho;
por muitos e muitos anos sempre mascara no mesmo
pois que a carne não vinha a esmo.
Não vem mesmo! Não vem mesmo!
Numa caverna dos montes, ele vivia sozinho,
e carne não tinha o coitadinho.
E então chegou o Tom com as suas botifarras,
e disse para o gigante: “Que osso róis tu assim?
Pois me parece a canela do meu tio Joaquim
que devia estar lá no cemitério.
Cemitério! Ermitério!
Pois que há já muitos anos que o Quim se foi
e eu julgava-o deitado no cemitério.”
“Meu rapaz”, disse o gigante, “este osso eu o roubei.
Mas que valem os ossos que num buraco achei?
O teu tio estava morto como bala de chumbo
quando achasse a canela já não era deste mundo.
Deste mundo! Furibundo!
E bem pode repartir com um gigante sem ela,

pois quem não precisa da sua canela?”
Disse Tom: “Não sei como tu e teus iguais
se apoderam assim sem menos nem mais
da tíbia ou canela do irmão dos meus pais;
dá o osso, por favor!
Achador! Salteador!
Por morto que ele esteja, é dele o osso;
dá-o pois pra cá a este moço!”
“Por dá cá aquela palha”, diz o gigante, e ri-se,
“também te como a ti e trinco-te as canelas.
Não tarda já que te meta os meus dentes
e vá carne fresca pras minhas goelas.
Goelas! Ai, que belas!
Estou farto de ossos e pelancas de velho
é jantar-te a ti que me aconselho.”
Mas quando julgava ter a presa apanhada,
viu que as suas mãos não apanhavam nada
e sem lhe dar tempo de raciocinar
Tom deu-lhe um chuto para o ensinar.
Sancionar! Castigar!
Pois um golpe de botas no assento
seria a maneira de ele ter tento.
Mas mais duros que pedras são a carne e o osso
daquele gigante, daquele colosso.
É como dar chute no moliço,
que o *assento* dum gigante nem dá pra isso.
Repete lá isso! Repete lá isso!
O velho monstro riu de Tom a gemer;
sabia que o pé lhe estava a doer.
A perna de Tom já pra pouco prestava,
está muito trôpego o seu pé descalço.
Porém, o gigante a isso não ligava,
agarrado ao osso que roubou ao dono.
Mono? Ramono?
E o lugar do gigante é sempre o mesmo
assim como o do osso que roubou ao dono!

8. O CARACOLINHO

O pobre gigante, na pedra sentado,
cantava uma triste ladainha:
“Por que, mas por que cumpro eu o meu fado
aqui nesta terra longe da minha?
Os meus partiram e já não voltam
e nem em mim devem pensar;
sabem-se só e não se revoltam,

sozinho eu estou daqui ao mar."
"Ouro não roubo, não bebo cerveja,
e, oh, minha boca! Carne... nem vês;
mas fecha-me a porta quem quer que me veja
ou que de longe me ouça os pés.
Quem me dera ter a pele mimosa
e é tão rude a da minha mão;
mas a comida que faço é gostosa
e doce e brando o meu coração!"
"Ora, ora", pensou, "assim não vou lá,
tenho mais é de um amigo arranjar;
a passo e passo pra lá e pra cá
até o Shire atravessar."
Assim partiu, toda a noite a correr
com umas botas de pele branca
pra chegar a Delviny com o Sol a nascer,
quando o povinho já se levanta.
Ele olhou em volta e quem vê? Adivinha!
A velha senhora Bunce, a rua a descer,
com o seu cesto e a sombrinha;
e ele parou para dizer:
"Bom dia, minha senhora! Muito bom dia!
Como tem passado?"
Mas ela largou a "malva" e o cesto que trazia
e soltou um grito apavorado.
Velho Pott, o *mayor*, que ali estava parado,
quando ouviu aquele gritalhão,
de medo ficou branco e encarnado,
atirando-se pra debaixo do chão.
O gigante, ofendido, ainda disse:
"Mas não se vá assim! Que tolice!"
Senhora Bunce correu como louca,
a meter-se debaixo da roupa.
O gigante foi até o mercado,
espreitando por cima das tendas;
um rebanho fugiu, assustado,
e os gansos estragavam as vendas.
Hogg, o rendeiro, entornou a cerveja,
o marchante atirou o cutelo;
Grip, o seu cão, já não há quem o veja,
pois se raspou para salvar o pêlo.
O pobre gigante sentou-se e chorou
junto ao portão do velho mercado
e o Caracolão por ele trepou
e depois de o ter na cachola afagado:
"Oh, por que choras tu, grandalhão?
Estás aqui melhor que fechado!"
deu-lhe por graça um pequeno encontrão
e sorriu-se de o ver agradado.

“Eh, pá, Caracolão!”, gritou o gigante,
“sempre disse eu que outro assim não há!
Se te apetece girar um instante,
monta-te em mim e vem tomar chá.”
Tomar por tomar, antes chá que um mosquete
e o bicho aceitou do gigante o conselho.
E nessa noite houve lauto banquete
com o gigante à mesa e o caracol no joelho.
Houve pão e manteiga, doce e marmelada,
geleia e creme e também bolo quente;
e o bicho a esforçar-se por não perder nada,
ainda que todos os botões rebente.
A chaleira cantava, era quente o fogo;
o bule era grande e era castanho
e o bicho tentava emborcá-lo todo,
embora se afogue no bule tamanho.
Quando estavam retensos a pele e o casaco
ficaram os dois sem dar cavaco;
‘té que disse o gigante: “Vou começar
de padeiro a arte a te ensinar;
o fabrico do pão a estalar e moreno
e também as empadas, meu pequeno,
depois vais dormir sobre folhas morenas,
em almofadas feitas de penas.”
“Oh, Caracolinho, onde te meteste?”
“Estive num jantar como nunca comeste.
E sinto-me gordo do que comi,
porque foi banquete como nunca vi.”
“Mas onde foi isso? Nós queremos saber
onde se pode assim comer.”
“Pois sim, meus amigos, bem podem esperar,
porque eu é que nada vou revelar.”
“Mas eu é que sei”, disse Jack, o finório,
pra grande espanto do auditório!
“Pois vi-o ir às costas do velho gigante
a caminho dos montes, lá pra diante.”
Então foram todos, de carro ou a pé,
até verem fumo da chaminé
da pequena casa que tinham diante
que pensavam ser a do gigante.
Bateram à porta um pouco depois,
pedindo ao gigante um bolo ou dois...
“Senhor, por favor, um bolo gostoso,
como o que of’receu a este baboso!”
“Pra casa, pra longe da minha beira,
porque eu só cozo à quinta-feira.
E não é assim pra quem aparece,
mas só pra quem quero, pra quem o merece.”
“Pra casa, pra casa!, tenho muita pena,

mas a minha sala é muito pequena.
E não tenho pão nem bolo miúdo,
porque o caracol já me comeu tudo!
A fulano e sicrano e beltrano e a ti,
digo que vos quero fora daqui.
Tudo pra fora da minha vista,
só o caracol é que me conquista!"
E o Caracolinho ficou tão roliço,
já nem lhe cabia o chapéu no toutiço.
De comer o pão que o outro amassou,
até, sem medida, o peito lhe inchou.
E às quintas-feiras era certo que vinha
sentar-se no chão daquela cozinha.
E enquanto o bichinho engordava e crescia,
parecia que o gigante encolhia.
Caracol padeiro se fez famoso,
como bem sabe todo o guloso;
da costa à montanha ficou conhecido
pelo seu pão curto e comprido.
Mas não tão bom como o outro... o tal,
pois nem em manteiga lhe era igual!
E todas as quintas, como a um paxá,
o velho gigante lhe servia o chá.

9. GRALHAS

As sombras onde as gralhas abundam
são escuras como tinta,
e o seu sino, suave, tilinta,
enquanto os teus pés no lodo se afundam.
Pois no lodo se afunda quem ousa
à porta delas bater:
das gárgulas o olhar oco pousa
sobre a água que murmura ao correr.
Nas margens do rio, podridas,
choram salgueiros pendentes,
e as gralhas tristonhas, vencidas,
crocitam, apesar de dormentes.
Sobre os montes Merlock, lá muito pra além,
num corgo cinzento que nem árvore tem,
nas margens dum charco sem vento ou maré,
se escondem as gralhas que vivem ao pé.
As cavernas onde passam os dias
são úmidas, negras e frias.
Com a candeia que alumia o tesouro,
é ali que contam, seu ouro.

Os muros molhados, os tetos pingando
e os pés delas no chão vão raspando,
chapinhando – flite-flate –,
vão à porta a ver se alguém bate.
Pra fora espreitam, desconfiadas,
garras tateantes, arrepiadas;
e quando acabam – já estás no papo,
pois os teus ossos metem num saco.
Pra além dos montes, por estrada triste,
junto dum charco que jamais viste,
esperam gralhas por ti, meu moço,
a quem servirás de pequeno-almoço.

10. O ALIFANTE

Cinzento como um murganho,
uma casa no tamanho.
Nariz como uma serpente,
eu faço a terra tremente
quando passo entre o arvoredo;
e as árvores gemem de medo.
Chifres na boca, taful,
vou caminhando pro Sul.
Orelhas como uns abanos;
já nem sei contar os anos
que lá pra trás de mim vão;
nunca me deito no chão,
nem sequer para morrer.
Alifante quero ser.
Velho e um tanto disforme,
sou, porém, um bicho enor...me.
Se, um dia, me puderes ver,
nunca me vais esquecer.
Mas, se não me tiveres visto,
vais julgar que não existo.
Mas alifante me sinto,
e nunca minto!

11. FASTILAR

Olha a ilha de Fastilar,
boa terra para aportar,
embora bastante nua.
Deixa lá agora o mar! Faz de conta que ela é tua
para correr e dançar,
ou então ao sol tostar!
Olha, gaivotas daquele lado!
Cuidado!
Gaivotas nada receiam.
Ou pousam ou se meneiam:
seu papel é sinal dar
se alguém à ilha aportar,
ou que descanso requeira
da umidade do mar...
...pra ferver uma chaleira.
Ah, gente louca que aqui se arrume
começa logo por acender o lume,
talvez na esperança de fazer chá!
Casca mais dura que esta não há,
parece dormir mas sabe nadar
e flutua agora no mar.
Manhosamente;
e quando sente pés de gente,
ou algum calor,
logo mergulha com vigor.
E volta, rápida, os pés pro ar
precipitando todos no mar,
onde se afogam, que é uma beleza,
com grande surpresa.
Que loucura!
Há muitos monstros no mar
nenhum tão perigoso como Fastilar,
Fastilar da casca dura
cujos parentes se foram
a não ser a tartaruga.
Pois, se a vida queres salvar,
um conselho vou te dar:
só aos perigos do mar escapa
quem não vai a terras que não vêm no mapa.
E há que escolher:
se não é melhor em terra firme
– há quem o afirme! –
viver!

12. O GATO

O gato anafado,
no tapete deitado,
pode parecer sonhar,
com ratos a passear
ou leite-creme para o jantar...
Mas talvez se veja,
com certa inveja
como o seu parente,
altivo e temido
que em caverna metido,
se alimenta de bicho e de gente
lá pro Oriente.
O gigante leão que afugenta
com garras de fora na pata
e dentuça que mata
na bocarra sangrenta;
leopardo malhado
que corre em beleza
e do alto salta
sobre a presa:
lá onde os bosques se esfumam
estão os espertos,
felizes, libertos;
mas o gato anafado
deitado em tapete
domado parece...
mas não esquece!

13. A NOIVA-SOMBRA

Era um homem que sozinho vivia
enquanto dia após noite fugia;
sentado e quedo como pedra lavrada,
sem qualquer sombra projetada.
Corujas brancas para ele subiam
sob as estrelas que surgiam;
limparam os bicos, julgando-o indisposto
sob a Lua de Agosto.
Então uma dama toda de cinzento,
surgiu no crepúsculo pardacento:
por um momento ficou olhando,
flores no cabelo entrançando.
Ele acordou como da pedra saído

e quebrou o encanto que o tinha prendido.
Tomou-a nos braços, a carne e o osso,
e a sombra enrolou no seu pescoço.
E então não mais ela ali apareceu
sob o Sol ou a Lua do céu;
vive lá embaixo na caverna triste,
onde nem a noite nem o dia existe.
Mas uma vez por ano, quando as cavernas bocejam
e as coisas surgem para que as vejam,
eles dançam juntos até a alvorada,
como uma só sombra alada.

14. O TESOURO

Quando a Lua era nova e o Sol era louro
a canção dos deuses era de prata e ouro:
pela verde relva prata derramava
e a água branca de ouro espelhava.
Antes da cova aberta ou Inferno franqueado,
antes do anão criado ou do dragão gerado
havia os velhos Elfos, de fortes encantos
que cantavam feitiços pelos vales e pelos campos,
enquanto faziam muitas coisas belas,
e as c'roas dos reis elfos entre elas.
Mas seu fado morreu, a canção apagou-se
cortados a ferro e aço como por um fouce.
Cobiça que não cantava nem sorria,
mas em negros buracos a riqueza crescia,
ouro trabalhado, prata martelada:
sobre o lar dos Elfos a sombra rolava.
Havia um velho não que em cova escura vivia,
à prata e ao ouro a sua mão se prendia;
tanto martelo e tenaz e a bigorna empregava,
que as mãos até o osso gastava.
E fazia moedas, cordões e anéis,
pensando em comprar o poder dos reis.
Só que lhe veio a surdez e a cegueira
e a pele amarela sobre a velha caveira;
pelas mãos ossudas e outrora artistas
lhe passavam as jóias sem serem vistas.
E nada sentia, com a terra a tremer,
quando o jovem dragão vinha beber
e o fumo subia pela porta da rua.
As chamas chiavam na sala nua.
E ele morreu sozinho no rubro fogo,
seus ossos em cinza no quente lodo.

Havia um dragão sob a pedra cinzenta,
cujos olhos piscavam numa morte lenta.
Velho e triste, triste e enrugado,
tinha os membros frouxos e o ventre inchado.
Durante toda a vida ao seu ouro amarrado,
no forno do seu peito estava o fogo apagado.
O limo do seu ventre belas pedras prendia
e o ouro e a prata ele cheirava e lambia:
sabia o local do anel mais modesto
e que a sua asa negra servia de testo.
No seu leito duro, em ladrões pensava
e sonhava que deles se alimentava,
que os ossos lhe esmagava e o sangue bebia:
e as orelhas lhe pendiam e o fôlego lhe fugia.
Tocou uma sineta, mas ele não ouvia.
Uma voz ecoou na gruta em que jazia:
com a espada na mão, jovem guerreiro louro
o desafiava a guardar seu tesouro.
Seus dentes eram facas, sua pele era couro,
mas o ferro o rasgou, a sua chama morria.
Sobre um alto trono havia um rei velho
cuja barba branca lhe chegava ao joelho;
sua pobre boca carne não provava e nada bebia
nem seu ouvido música ouvia; e ele só vivia
para a sua arca de tampa lavrada
onde jóias e ouro escondia,
tesouro secreto na cave fechada
que porta de ferro protegia.
Espadas de seus maiores já a ferrugem roía,
sua glória era morta, más as leis que fazia;
vazios seu salões e sua alcova fria,
mas rei do ouro dos Elfos ainda permanecia.
Já não ouvia trombetas da montanha no carreiro,
do sangue na erva pisada e nem lhe chegava o cheiro.
Mas os seus salões arderam, o seu reino se perdeu.
À cova foram lançados seus ossos, pois morreu.
Há um velho tesouro num escuro rochedo
oculto por portas e pelo arvoredo;
por esse portão ninguém vai passar.
No pequeno cômoro onde a erva cresce
pastam as ovelhas, a cotovia aparece,
e o vento sopra da costa do mar.
E sobre o tesouro os corvos crocitam,
enquanto a terra espera e os elfos dormitam.

15. O SINO-DO-MAR

Fui passear à beira-mar e até mim veio
como um raio de estrela na areia molhada
uma concha branca como um sino-do-mar
que na mão me tremia sem parar.
Nos dedos trementes ouvi sons dolentes,
um sino lá dentro, à beira do mar,
uma bóia a dançar, um sino a tocar
sobre mares sem fim, suaves, distantes.
Vi um barco silente na crista do mar
e na maré da noite, vazio e cinzento.
"É tarde, mui tarde! Que estamos a esperar?"
Dei um salto e disse: "Leva-me, ó vento!"
E ele levou-me, molhado de espuma,
envolto num sono, fechado na bruma,
pra praia esquecida, numa terra estranha.
No cair da noite em vaga tamanha
ouvi o sino-do-mar,
soando, soando, enquanto as vagas rugiam
nos dentes ocultos de perigoso escolho
e cheguei, por fim, onde areias se viam.
Brancas luziam e o mar fremia
com espelhos de estrelas em rede de prata;
penhascos de rocha, branca como ossos
onde a espuma de luar, úmida, batia.
A areia luzente pela mão me escorria,
poeira de pérolas, farinha de gemas,
trompetes de opala, rosas de coral,
flautas de esmeralda, et coetera5 e tal.

5 Como não existe a forma portuguesa por extenso "etcetera" (apenas a abreviação "etc."), optei por manter a forma latina da palavra. (N. do Niggle)

Mas sob as falésias eram cores sinistras
com cortinas de ervas lúgubres e tristes;
agitou-me o cabelo uma aragem fria
e eu fugi dali, enquanto a luz morria.
Do cimo dum monte fluía um ribeiro;
eu bebi-lhe a água para acalmar o peito;
da sua nascente para uma festa campestre
de vigília eterna lá longe dos mares,
penetrando em prados de trêmulas sombras:
as flores por terra como estrelas caídas
e num charco azul-vítreo e gelado
quais luas flutuantes, os nenúfares.
Os elmos dormiam, salgueiros choravam,
espadas de íris, lanças de verdura,

flechas de juncos os baixios guardavam.
Ecos de cantiga toda santa noite
não há lebre banca que se não afoite
pra cá e pra lá; assim como as traças
com olhos como vidraças; enquanto os ratitos
a estas horas mortas, espreitam às portas.
E ouvi lá dançar, música no ar,
pezitos alados nos verdes prados.
Mas sempre que eu vinha metia-lhes medo:
pelo verde prado, tudo logo quedo.
Nem: “Olá... vais tu?” Só o fugidio
som de vozes doces, trompa e assobio.
Com varas de junco, com folhas do rio,
fiz pra mim um manto verde de esmeralda:
caduceu bem alto e bandeira de ouro
e os meus olhos brilham como o sol escalda.
De flores coroada, gritei pra um besouro:
Mas por que te escondes? De quem foges tu?
Sou agora o rei, sou quem manda aqui,
por que tens a “proa” dum urubu?
Tenho espada e cetro e estou bem disposto,
quero que me falem, me mostrem o rosto.
Porque eu sou o rei, mas pensem bem nisto:
um bom rei não dispensa ministro!
Vem de lá uma nuvem, vestida de noite
como toupeira, avanço “à rasquinha”;
neta negridão inda há quem se afoite.
Palpo o chão coa mão – já nem sei se é minha.
Penetro num bosque, digo chus nem bus,
que as folhas estão mortas, os ramos estão nus.
Ali me sento, mente distante
ressonam c’rujas na casa oca;
pelo ano e dia sou habitante.
Grilos as folhas roem coa boca;
aranhas tecem modelos velhos,
nasce já musgo nos meus joelhos.
Na longa noite, nasceu uma luz
o meu cabelo estava grisalho.
Cansado embora, o mar ver queria...
Perdido e velho, já nada valho!
Mas vou seguindo, vou tropeçando;
como um morcego, sombra me cobria,
nos meus ouvidos, vento zumbia.
Tentei cobrir-me com rudes sarças:
mãos e joelhos estavam sem força,
sobre o meu dorso pesavam os anos.
Mas veio a chuva salgar-me o rosto,
vai barco a pique nos oceanos.
Vêm de lá aves a planar,

ouvi eu vozes em cavernas frias,
focas que rosnam, rochas que espreitam
e espiráculos que esguichos deitam.
Chegou o Inverno; pela neblina
eu atravesso arrastando os anos;
há gelo e neve no meu cabelo,
fugiu o Sol, já não posso vê-lo.
Naquela costa me esperava o barco,
nas ondas dança, levanta a proa,
nele me deito, pela borda espreito:
nas ondas trepa, pelo mar voa.
Velhos destroços, de aves cobertos,
belos navios, de luzes cheios,
que vão para um porto. Enfim liberto
da noite fria, dos meus receios.
Casas fechadas, que o vento ronda,
ruas vazias... no chão me sento.
E num regato que a chuva cria
sem mágoa lanço o que trazia:
uns grãos de areia na mão fechada,
concha do mar, morta e calada.
Aquele sino nunca ouvirei,
aquela costa não pisarei
nem na álea triste, no beco sujo,
na larga rua passearei.
Comigo falo – único ensejo;
pois não me falam os homens que vejo.

FIM